A RECEÇÃO DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS EM FRANÇA OU DA DESCOBERTA DE UM NOVO ROSTO PORTUGUÊS
ALGUNS CONTRIBUTOS

Fátima Outeirinho*
outeirinho@letras.up.pt

A dimensão relacional entre a cultura portuguesa e a cultura francesa caracterizou-se no fio do tempo, já longo, por uma univocidade de atenção, de conhecimento e de importação de modelos produtivos.

Muito embora possam então ser detetadas no fio do tempo presenças no imaginário francês que tomam Portugal por objeto, a verdade é que o desinteresse e desconhecimento face ao espaço luso são maioritários, no momento em que se dá em Portugal uma inesperada revolução. A Revolução de Abril será então ponto de viragem?

Com o objetivo de refletir sobre perceções e representações da Revolução de Abril em França, consideraremos duas questões: o que pode a literatura traduzida e quais os ecos da Revolução na literatura francesa.

Palavras-chave: Relações culturais luso-francesas; Revolução dos Cravos; Imagens de Portugal

Throughout time, the relational dimension between the Portuguese and French cultures has been characterized by a univocal attention and knowledge, and by imports of productive models.

While they can be detected over time in the French imaginary presences concerning Portugal, the truth is that disinterest and ignorance in view of Portugal are majority at the time that an unexpected revolution takes place. The April Revolution will then be a turning point?

* Universidade do Porto & Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Portugal.

In order to reflect on perceptions and representations of the April Revolution in France, we will address two issues: the role of translated literature in French literary system and the echoes of Carnation Revolution in French literature.

Keywords: Cultural relations Portugal-France, Carnation Revolution, images of Portugal

A dimensão relacional entre a cultura portuguesa e a cultura francesa caracterizou-se no fio do tempo, já longo, por uma univocidade de atenção, de conhecimento e de importação de modelos produtivos que Eduardo Lourenço, Nuno Júdice ou Daniel-Henri Pageaux tão bem sublinharam em diversos estudos. Em colóquios organizados na década de 80, no Centro Cultural de Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, e que visavam uma reflexão e rastreamento dos contactos, trocas ou diálogos Portugal-França, Eduardo Lourenço salientava a comunicação assimétrica entre os dois espaços culturais e Nuno Júdice lembrava a satelização cultural portuguesa face ao espaço francês. Em contributo de 2005, Daniel-Henri Pageaux referia também as relações triangulares (França, Espanha Portugal) condicionadoras de processos de "assimetria, ignorância, miragem ou bloqueio"[1] (Pageaux, 2005:15) a rodearem Portugal-França.

Já em 1984, o mesmo estudioso, na obra *Imagens de Portugal na Cultura Francesa*, lembrava que na *longue durée* "Portugal permanece (…) como uma terra incógnita, um país desconhecido pela maior parte dos franceses, um país que praticamente não tem lugar na cultura francesa" (Pageaux, 1984:19). Ora se, como afirma Otília Martins, corroborando Pageaux, "Le Portugal a très difficilement pénétré dans l'imaginaire français" (Martins, 2004:34), certo é que estereótipos e figuras, sobretudo ligados ao período das Descobertas, parecem constituir uma constante nas representações culturais de Portugal por parte da França e muito em particular por via literária. Não por acaso, Daniel-Henri Pageaux recorda igualmente que "quer para os franceses do século XVI quer para os do século XX, a história de Portugal começa com as grandes expedições marítimas e/ou coloniais." (Pageaux, 1984:118)

Assim, Portugal é um país visto sob o signo do mar não apenas numa referência a uma situação geográfica, mas ainda no que toca à construção de um império, a partir de travessias marítimas, um imaginário intimamente eivado de memória passada de uma mitologia das descobertas em torno

1 Tradução nossa.

de figuras como Vasco da Gama ou o Infante D. Henrique, o Navegador, mesmo se um outro conjunto de lugares-comuns também assoma de um modo recorrente: a referência ao terramoto, à saudade, ao fado, aos azulejos ou, mais recentemente, à Lisboa, cidade branca, na esteira de *Dans la ville blanche* (1983) de Alain Tanner.[2] Importa também referir uma outra constante das últimas décadas, recordada por Pierre Rivas, quando este reflete sobre as permanências e mutações da imagem de Portugal nas letras francesas: "On est passé du Portugal de Camões, à l'identité forte, impériale, conquérante, au mythe Pessoa (…)." (1992: 164). Nesse mesmo estudo, uma observação de Rivas parece-nos fundamental, ainda que diga respeito a autores do século XIX: Pierre Rivas lembra as ocorrências em torno de Portugal, na obra de Stendhal e Baudelaire, dizendo que se trata de lugares da memória, visitados como referência, com reverência, e saudados distraidamente (*idem*: 162). Esta saudação distraída será algo a que mais adiante voltaremos, enquanto modo de relação que, a nosso ver, é também ele uma constante numa escrita francesa onde Portugal emerge.

Para além de uma iterativa revisitação de imagens cristalizadas em torno de um momento histórico ou de um autor, cabe também registar a imagem que se constrói de um Portugal primitivo, pobre e em perda,[3] face a uma intensa presença migratória portuguesa nos anos 60, ou a descoberta surpreendente de um espaço de finisterra europeia. Se na identificação de um rosto português o passado glorioso de um país de navegadores é traço maior, para além das declinações mencionadas, a Revolução de Abril passa identicamente a ocorrer com regularidade no discurso em torno de Portugal. Como sublinha Graça dos Santos,

> Si la grande vague d'émigration portugaise des années soixante a tendance à générer en France (et au Portugal aussi, d'ailleurs) un regard méprisant sur la génération de maçons et de femmes de ménage, allant parfois jusqu'à identifier nationalité, culture et milieu social, la Révolution des œillets vient placer le Portugal au premier plan de l'actualité internationale. (Santos, 2002)

---

2 Em *Lisbonne dernière marge* também a referência ao epíteto cidade branca surge (Volodine, 1990: 126, 128).

3 Cf. Roux (2001: 66) "O Portugal dos anos 60 permanecia em 1870, rural e analfabeto. As pessoas casavam-se para morrerem dignas, se possível. Tudo acontecia ainda em Lisboa, entre o Rossio e a estação do Estoril; e na Avenida da Liberdade, onde a mulher e a sardinha se querem pequeninas." Ou, ainda: "todo um povo adormecido, laborioso, ignorante" (*idem*:70). Segundo Pageaux, Dominique Roux "elabora, de maneira parcial, uma psicologia *sur mesure* do povo português" (Pageaux, 1984: 109).

Muito embora possam então ser detetadas no fio do tempo presenças no imaginário francês que tomam Portugal por objeto, a verdade é que o desinteresse e desconhecimento face ao espaço luso são maioritários, no momento em que se dá em Portugal uma inesperada revolução. Assim e como afirma ainda Pageaux: "Em 1974, a surpresa é enorme. Uma surpresa que só pode ser medida pela ignorância dos franceses relativamente a Portugal." (Pageaux, 1984: 40) Nessa conjuntura, vários intelectuais franceses de esquerda virão a Portugal movidos por uma intensa curiosidade – e lembremos Simone de Beauvoir ou Jean-Paul Sartre –, pois, como refere Otília Pires Martins, "dans la foulée des évènements révolutionnaires, beaucoup d'intellectuels français ont visité le Portugal, espérant peut-être y trouver la matérialisation de leurs idéologies politiques, de gauche et d'extrême-gauche" (Martins, 2004 : 37). A Revolução de Abril será, então, percebida por um filtro terceiro-mundista conhecido dos intelectuais franceses e que afasta Portugal da Europa.

Conrad Detrez, autor belga, naturalizado francês e em 1975 correspondente da Rádio Televisão Belga em Lisboa, falará, em *Mélancolie du voyeur*[4], obra de 1986, de uma vaga turística de esquerda que ruma a Portugal:

> Et ils viennent(…) aux premières vacances. Ils font trois petits tours, ils manifestent (et jettent un œil distrait sur ce fleuve-là, comment est-ce qu'il s'appelle encore?). Ils s'égosillent, échouent, les pauvres, à loger à la juste place, avec le juste ton, l'étrange diphtongue: "Oui, nous sommes…Viva! Viva a…a…a revolução!" (qu'ils prononcent tchon ou chao ou tchan ou, plus souvent, ciao, comme à Turin ou Marseille). (…)
>
> Mes touristes me réquisitionnent, d'office, comme des chefs. (…)
>
> Heureusement les vacances prennent fin. Mes visiteurs (et conseillers, donneurs de recettes) regagnent leur pays. (Detrez, 1986:113-115)

Em romance recente de 2013, *Éléments incontrôlés*, Stéphane Osmont situa-se em isotopia similar quando o narrador, jovem com um percurso na extrema-esquerda, recorda as suas férias em *InterRail* e a sua vinda a Portugal no Verão de 1974:

> Je leurs avais proposé [à ses camarades] un grand projet en forme d'apothéose du printemps : partir pour Lisbonne tous ensemble pendant les

4 Romance póstumo, autobiográfico. Sobre Conrad Detrez em Portugal, consulte-se com interesse os estudos de José Almeida referidos em bibliografia final.

> vacances d'été. Un mois en bande dans le nouvel eldorado de la révolution, ce serait un rêve. (Osmont, 2013 : 181)
>
> Plus la frontière espagnole approchait, plus la proportion de gauchistes augmentait parmi les voyageurs. Des Belges, des Hollandais, des Allemands, des Anglais. Tous se rendaient en pèlerinage dans le Portugal de la révolution. (*Idem*: 199)[5]

É pois neste contexto que Daniel-Henri Pageaux observa, com pertinência, a ocorrência de uma mutação na construção de imagens em torno de Portugal por parte da França. A Revolução de Abril surge como ponto de viragem que permite abandonar a tradicional triangulação França-Espanha-Portugal, pela atenção na singularidade portuguesa (Pageaux, 2005), a permitir descobrir escritores portugueses, a atentar num espaço português que atravessa alguma literatura estrangeira não francesa, a acolher em textos de viagem um universo luso, a levar à emergência de universos ficcionais diegeticamente situados em Lisboa e/ou ancorados na história portuguesa em obras de autores franceses.

No campo da literatura, pensar perceções e representações da Revolução de Abril em França passa então por considerar duas questões: o que pode a literatura traduzida e que ecos da Revolução na literatura francesa.

O que pode a literatura traduzida?

Como aponta Otília Martins, é já depois de 1974 que o número de traduções de autores portugueses contemporâneos aumenta significativamente. Resultado de um importante contributo de tradutores e editores, mas também de outros mediadores culturais como os comparatistas, a literatura portuguesa traduzida em França contribui inegavelmente para uma acção de mediação cultural que permitirá divulgar não apenas obras e autores, mas também temáticas atinentes à história e cultura portuguesas do século XX. Na verdade, alguma literatura portuguesa em França não pode deixar de ser considerada enquanto veículo de contacto com uma realidade portuguesa ligada à Revolução dos Cravos ou que a ela levou: a necessidade de mudança para um regime democrático ou a recusa/rejeição da guerra colonial e da existência de dinâmicas coloniais. Obras de autores como António

5 Cf. ainda (Osmont, 2013 : 199-200) .

Lobo Antunes, Lídia Jorge ou, mais recentemente, Dulce Maria Cardoso[6], não podem deixar de ser consideradas nessa tomada de contacto por parte de um público leitor francês – mesmo que eventualmente restrito – e no questionamento do que pode a literatura traduzida nas relações entre culturas. Respostas a questões de investigação como, qual o papel e o impacto da literatura traduzida enquanto instrumento de mediação entre duas culturas nacionais? Qual o lugar ocupado pela literatura portuguesa traduzida no sistema literário francês?, seriam de extremo interesse para a problemática que nos ocupa.

Mas, ainda para além da literatura portuguesa traduzida em França, haveria que considerar outra literatura estrangeira traduzida em França e que fala de Portugal, pois também ela concorre para um processo de mediação cultural. Lembre-se, por exemplo, a este propósito, as considerações de Bertrand Westphal, em "Pourquoi une géocritique de Lisbonne?", quando equaciona a constituição de Lisboa como lugar literário a partir da leitura/receção de obras pertences a diferentes literaturas nacionais, estudo este que de algum modo pode ser encarado como testemunho de um tal processo de mediação quando o autor refere a sua própria experiência de leitura.[7]

Que ecos da Revolução na literatura francesa?

Objeto a não esquecer numa busca de ecos da Revolução poderá ser a literatura de viagens, já que

> Tal objecto, para além de se constituir como literatura de mediação[8] não negligenciável no campo das relações interculturais, apresenta-se como espaço fértil na construção, perpetuação ou redescrição de representações, na medida em que trabalha aproximações, por parte do escritor-viajante, a uma cultura de chegada, a partir da sua própria cultura de pertença. (Outeirinho, 2010: 221)

Retomando as expressões felizes de Olivier Rolin em *O meu chapéu cinzento*, obra que integra um texto sobre Lisboa, o que está em causa nos textos de viagem é uma história-geografia de recordações (Rolin, 2001: 123) ou recordação de recordações (*idem*: 175).[9] É esse de facto o caso

6 A tradução de *Retorno* por Dominique Nedellec, *Retour*, foi publicada em Janeiro de 2014 pelas Éditions Stock/La Cosmopolite.

7 Cf. Westphal (2006:7).

8 Sobre literatura de mediação, consulte-se Daniel-Henri Pageaux (2003: 281-282).

9 Cf. "histoire-géographie de souvenirs" (Rolin, 1987:123) e "souvenir de souvenirs" (*idem*: 175).

quer de *Souviens-toi de Lisbonne* (1998) de Olivier Frébourg quer de *Retour à Lisbonne* (2007) de Max Alhau.

Souviens-toi de Lisbonne de Olivier Frébourg apresenta-se como um conjunto de memórias em torno de viagens a Lisboa, mas também a Buenos Aires, duas cidades que, por sinédoque, dão conta daquilo a que, em *Bar des flots noirs*, Olivier Rolin chama de processo de homotetia (Rolin, 1987: 120-121). Escreve Frébourg:

> De Lisbonne je devais glisser vers Buenos Aires, donner à la saudade une cambrure argentine. Ma vie n'est plus que tango et fado. Le Portugal et l'Argentine se confondent dans la même utopie, dans le même vaillement du monde, des corps et des êtres. (Frébourg, 1998: 71)[10]

Souviens-toi de Lisbonne integra a literatura de viagens até pela constante rememoração de obras e autores viajantes em Portugal. Com efeito, o narrador-viajante segue nos passos de anteriores escritores franceses em Portugal: Jacques Chardonne, Valéry Larbaud, Jean Giraudoux ou Michel Déon. Os *topoi* em torno de Portugal, e em particular de Lisboa, abundam : Lisboa é uma cidade atlântica (*idem*: 9), refere-se o império luso – "L'empire n'est plus qu'un département du finistère" (*idem*:14) –, lembra-se a proverbial melancolia portuguesa, que de resto é a do próprio narrador (*idem*: 21), ou também a proverbial saudade. Convocam-se autores como Camões, Pessoa, Torga. Mas que rastos da Revolução de Abril? Apenas uma brevíssima referência:

> Nous étions tombés sur le Portugal, comme des badauds devant une agence de voyages s'extasient devant un atol de Polynésie. Le Portugal serait notre nouvelle patrie. Nous avions découvert son histoire, sa littérature: Camões, Pessoa; la Révolution des œillets. (*Idem*: 31)

Sob o signo de Pessoa constrói-se o texto de Max Alhau, *Retour à Lisbonne*: *O Guardador de Rebanhos*, *Lisboa: o que o turista deve ver* e *O ano da morte de Ricardo Reis* conduzem-no na errância por Lisboa. Texto que se apresenta como o resultado do seu diário de bordo, denominação de ressonância marítima, nele se faz referência a anteriores visitas[11]: uma ainda durante o regime salazarista, outra por volta de 1998 e aquela, mais recente, de que se faz agora o relato. Quase nada se diz porém sobre a Revolução

10 Ver também (Frébourg, 1998: 84).

11 O autor faz mesmo referência a "maints voyages" (Alhau, 2007: 58).

dos Cravos, a não ser notações que decorrem da deambulação pela cidade e registo dos espaços encontrados (Alhau, 2007: 34). Assim surge uma referência breve à " (…) sinistre prison d'Aljube où sous Salazar on incarcéra et tortura" (*idem*: 35), lembra-se o encarceramento de Miguel Torga e a placa evocativa que aí se encontra do 25 de Abril, seguida de comentário: "Espèrons que les nostalgiques de ce regime se sont évanouis dans l'ombre, que le temps les a voués au silence." (*ibidem*). Mas será a memória de um tempo passado que sempre regressa ao longo da narrativa: "Toujours le même rappel d'une époque de gloire qui colle à la mémoire des Portugais" (*idem*: 30), e Lisboa ilustra "la rencontre des siècles" (*idem*: 33).

Tanto Frébourg como Alhau parecem sobretudo cumprir o preceito de reverência ao lugar-comum: o terramoto, a saudade, o fado, os azulejos, os elétricos, Camões, Pessoa, mas também Eça, Torga e ainda Pessoa via Saramago.

A Revolução de Abril ou seus prolongamentos surgirão ainda noutros textos e autores franceses. No romance de 1977 de Dominique de Roux, *Le cinquième empire*; num outro romance, já tão estudado, de Antoine Volodine, *Lisbonne dernière marge*, publicado em 1990; em *Éléments incontrôlés* (2013) de Stéphane Osmont, integrando um conjunto de momentos e acontecimentos em torno de movimentos contestatários dos anos 60 e 70 na Europa; ou ainda nesse objeto escrito dificilmente rotulável, mistura de poesia, prosa, narrativa e até micro-ensaio, *Fado (avec flocons et fantômes)*, de 2000, de Jean-Claude Pinson.

Nesta obra, Jean-Claude Pinson narra um périplo que, inesperadamente, junta Pessoa/Psoa, Leopardi ou ainda Baudelaire/Beaudelaire, e que vai até Lisboa por sugestão deste último:

> Et c'est ainsi que nous avons quitté Bruxelles, pris l'avion pour Lisbonne (…)
> Beaudelaire pour l'occasion avait mis son gilet
>
> *rouge*
> *en l'honneur des œillets*
> *huit jours à boire du vin*
> *du fado sous les voûtes*
> *sanglots à la chandelle des guitares*
> *à faire les fadas pour ne penser*
> *nada nitchevo à rien* (Pinson, 2000 :73)

Se uma micro-homenagem à Revolução de Abril ocorre, também em Pinson se retoma o *topos* dos azulejos (*idem*: 75), o fado e a guitarra portu-

guesa[12] (*idem*: 55) ou, eventualmente, as viagens de descoberta, por alusão, quando se refere a ameaça do escorbuto já que a navegação dura há semanas, só que agora… navega-se na tela do computador.[13]

No que toca aos textos que se apresentam em espaço de paratexto como romances, atentemos em *Le cinquième empire*, *Lisbonne dernière marge* e *Éléments incontrôlés*[14].

Le cinquième empire de Dominique de Roux[15], diegeticamente situado em Portugal e em alguma África de língua portuguesa – Guiné-Bissau, Moçambique –, e no período de guerra colonial que antecede e prepara a Revolução dos Cravos, é talvez a obra que mais destaque dá a esse período da história portuguesa. Dominique de Roux não só conhecerá de perto a situação vivida nas colónias portuguesas como ainda os protagonistas militares que serão, pouco tempo depois, protagonistas do período revolucionário.

Dominique de Roux, editor, escritor e, à época da Revolução, jornalista, correspondente e enviado especial para Portugal, em ligação com a emissora pública francesa ORTF, será o único jornalista estrangeiro em Lisboa no momento em que eclode a revolução. Testemunha directa da história do seu tempo[16], dela dará memória em *Le cinquième empire*, através de um narrador-personagem de nacionalidade francesa, François Mazin:

> Uma voz: "Venha! Nós estamos aqui, François, A Revo…"
>
> Seria na França? Na Holanda? Poder-se-ia ainda acreditar nela, na Revolução? Comecemos por excluir a Lua. Eu estou em Lisboa, olhando pela janela as pedras do Palace cobertas de salitre e a Avenida deserta, almofadada,

12 Há também uma referência a Amalia (*sic*) (Pinson, 2000: 51).

13 Cf. "De rester l'œil fixé sur l'écran bleuté où nous naviguions de conserve entre des lignes hasardeuses, cherchant des mots à corriger. Guettés par le scorbut tellement cette navigation durait depuis des semaines (…)". (*Idem*: 96)

14 Sem pretensão de exaustividade, queremos ainda lembrar outros dois textos romanescos: *Les sorciers du Tage* de Gérard de Villiers e *Les nuits fauves* de Cyril Collard. Gérard de Villiers veio a Portugal em Junho de 1974 (cf. http://www.ina.fr/video/CPC76067057) e, posteriormente, no seu romance de espionagem que integra uma colecção serial do autor, de cerca de duas centenas de livros, será no universo pós-revolucionário de Abril que a diegese se vai ancorar. No romance de Collard, uma breve alusão à Revolução dos Cravos emerge através de uma visão interior do narrador de uma cena amorosa erotizada, vivenciada por um soldado com um uma espingarda e um cravo e uma jovem mulher (Collard, 1989: 250-251). Ambas as obras conhecem traduções portuguesas que indicamos na bibliografia final.

15 Conhece uma tradução portuguesa em 2001 e que seguiremos.

16 Cf. "Avec l'équipe de l'ORTF qu'il dirige pour l'émission de Jean-François Chauvel, il est le seul à se trouver sur place quand le mouvement éclate. Le matin du 25 avril 1974, un seul Français marche sur l'avenue de la Liberté : Dominique de Roux. C'est lui qui donnera à la France les premières images de la révolution des Œillets. Dans les années 1970, la France pompidolienne prend plutôt ses quartiers d'été en Espagne." (Frébourg, 2006)

> 25 de Abril, três da manhã, pensável, impensável, já no passado. O porteiro sobe a trazer-me a sua pitadinha de sal: o exército terá tomado o poder.
>
> No e em quem acreditar? Os guardas-nocturnos passeiam-se de nariz colado às montras. O vento do sul empurra os papéis nos passeios.
>
> Saio. Praça do Rossio, a luz das lâmpadas cai sobre as fontes Wallace. Ouvem-se os passos dum noctâmbulo. Pára, volta a andar, ocupado, talvez, a acender um cigarro. Cães atravessam, agarrados à cadela, à frente. Rua do Ouro, bancos, ourivesarias, os bancos da *paz* social, dos Espírito Santo e dos gnomos de Zurique. Basta de lubricidade!
>
> Se, em Espanha, nunca se passa nada, em Portugal aparentemente, devia passar-se ainda menos.
>
> – Olhe, soldados! – disse ao aproximar-se o senhor do cigarro. (Roux, 2001: 287)

A imagem em filigrana de um Portugal adormecido regressa através de uma Revolução improvável, silenciosa, sem sangue. Como se afirmará mais adiante, após segmentos descritivos em catadupa que nos dão conta do regresso de políticos exilados, do confronto de projetos ideológicos diversos, de tentativas de tomadas de poder que levarão ao Verão quente do PREC:

> Aqui os cornos do touro trazem bolas de lã, e tudo o que pode ensanguentar a arena não entra na organização do espectáculo. Ninguém deseja enfrentar ninguém, há-de acontecer um milagre, Nossa Senhora de Fátima! (*Idem*: 320)

Conrad Detrez em *Mélancolie du voyeur* afinará por um diapasão próximo ao narrar sintética e ironicamente a Revolução num país de brandos costumes:

> Un coup d'État poli, feutré. Ministres, généraux se sont levés avant le soleil. Des inconnus frappaient à la porte. Nous sommes des mutins, ont dit les mutins. Ils ont déposé ces messieurs. Ils leur ont permis de se raser, se parfumer, choisir leur chapeau. On les a conduits, toujours courtois, jusqu'à l'aéroport, pour l'exil. Et au peuple on a distribué ces armes belles, rouges, un exemple pour l'univers, les insurgés de l'univers, guerriers de toutes nations, tout poil, toutes classes, idéologies…les mutins ont distribué aux masses œillets. Bon enfant, rêveurs – toute leur histoire le dit – les doux Lusitaniens se sont mis à faire "la révolution aux *œillets*". Jolie recette. J'apprécie. (Detrez, 1986: 110)

Retomando a abordagem da obra de Dominique de Roux, vemos que, auto-inscrevendo-se num registo ficcional, *Le cinquième empire* se ancora

numa factualidade histórica conhecida e reconhecida, a envolver figuras como António de Spínola, Kaúlza de Arriaga ou Otelo Saraiva de Carvalho. Contudo, esta presença de um passado recente da história portuguesa é atravessada – inevitavelmente? – pela rememoração de um tempo das Descobertas:

> Lisboa sai do rio. (…)
> O estuário tem a cor amarela da erva, da testa ossuda daquele Bartolomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança. Dali partiram os roteadores astrólogos e os pilotos mouros das caravelas. (Roux, 2001: 62)

De novo, surgem as referências à Lisboa dos azulejos e dos elétricos amarelos (*idem*: 77), à melancolia (*idem*: 127)[17], ao terramoto (*idem*: 93), ao país do fado e da saudade (*idem*: 243): "O verdadeiro pensamento é a saudade: onde o pesar é o maior desejo, onde a ausência provocada é a presença mais duradoura. Assim, a história é para o Português tanto memória como espera." (*Idem*: 128)

Quando chega no Verão de 1975, ver a Revolução em marcha é o objetivo de Antoine Volodine.[18] Lucília Carvalho lembra que "a viragem à 'esquerda' a que se assistia então no espaço político português, surgia como um precioso 'campo de ensaio' a viver e a escrever" (Carvalho, 2002 : 34). Em 1990, publica *Lisbonne dernière marge*.

Como observa Chloé Conant, "ses livres, qui démontrent la possibilité d'une véritable littérature politique actuelle, ni forcément ironique, ni forcément distanciée, sont imprégnés de la terrible désillusion qui a succédé à l'engagement, y compris à l'engagement violent." (Conant, 2006: 121) Também em texto inédito, "Lettre hèle-néant", Volodine dá testemunho precisamente da promessa de que a Revolução de Abril se revestiu para todos aqueles que aspiravam a uma mudança:

> J'ai eu sous les yeux, donc, brusquement, Lisbonne pendant l'été 1975, que les Portugais appellent *o verão quente,* l'été chaud. C'était un temps d'espérance encore, une période de l'histoire contemporaine où on ne passait pas son temps à se retenir de respirer, comme on allait le faire ensuite pendant les années quatre-vingt et quatre-vingt-dix (…).[19]

---

17 A do narrador-personagem (Roux, 2001: 195).

18 Sobre a descoberta de Lisboa por Antoine Volodine ver Lucília Carvalho (2002: 34).

19 Cf. http://www.editions-verdier.fr/banquet/n44/inedits1.htm.

Ficção dentro da ficção ou de como a ficção permite pensar o real e autoriza pensar a História, *Lisbonne dernière marge* de Antoine Volodine possibilita uma reflexão sobre os movimentos revolucionários através de uma história situada em Lisboa, num tempo pós-revolucionário e num tempo em que tais propostas parecem exauridas, história a envolver Ingrid Vogel e Kurt Wellenkind, um casal de alemães apaixonados, ela uma terrorista, ele um polícia que a quer fazer desaparecer, criando-lhe uma nova identidade. Como afirma Lionel Ruffel, "La fiction devient une prolongation de la révolution par d'autres moyens (…)" (Ruffel, 2004: 169), e Volodine não pode assim deixar de assumir na sua obra um "devoir d'inventaire" (*idem*:171). É pois neste contexto que, ao longo de *Lisbonne dernière marge*, os tempos da Revolução são rememorados ou pelas referências a uma conversa da protagonista Ingrid Vogel com um dos capitães de Abril que então ameaçava extinguir investidas contra-revolucionárias com o fogo de canhões (Volodine, 1990: 128-129), ou pela lembrança das manifestações do ano de 1975, ocasião para referir os intervenientes vários:

> Ils avaient commencé à discuter sur la Révolution des Œillets, l'année 1975. Ingrid faisait montre d'une science étendue; elle ne se trompait jamais sur les dates des manifestations importantes, et d'ailleurs en juillet 75, en août, elle avait participé à certaines d'entre elles, réclamant, poing levé au milieu des soldats en treillis, au milieu des invalides de vingt ans, revenus sans jambes d'Angola ou du Mozambique, exigeant, avec la foule gauchiste, la dissolution de l'Assemblée constituante. Elle citait les noms des officiers du Conseil de la révolution, elle jonglait avec des sigles que Kurt identifiait de temps en temps, mais pas toujours: COPCON, SUV, PRB-BR, RALIS, UDP, MFA, MRPP, LUAR, PCP. (*Idem*: 136)

É também de revisitação e de rememoração de contextos revolucionários dos anos 60 e 70 e ainda de uma vaga terrorista europeia da década de 70 que se trata em *Éléments incontrôlés*, romance a acolher uma preocupação política e crítica que parece atravessar alguma literatura francesa contemporânea. Após Maio de 68 e ligado à extrema-esquerda, o narrador vai fazer a sua experiência portuguesa no Verão de 1974. Do relato dessa viagem a Portugal, apenas um episódio num percurso mais longo que o levará mais tarde a Itália, assoma uma revolução inusitada e inesperada na finisterra europeia, promessa e esperança para todo um movimento revolucionário e transformador mais alargado que se deseja:

> (…) une révolution venait d'éclater au Portugal. L'histoire était à peine croyable: le 25 avril, des militaires en armes avaient renversé la dictature salazariste. (…)
>
> Le mouvement était enclenché, il serait irréversible. Après le Portugal, l'Espagne franquiste tomberait à son tour. Puis la France, puis toute l'Europe. (Osmont, 2013 : 180-181)

Servindo uma reflexão sobre a História, deste modo se regista e se aviva uma memória ligada à revolução portuguesa num quadro que se pretende mais lato e face às expectativas goradas, às promessas não cumpridas que os movimentos revolucionários desse período do século XX anunciavam, pois como lembra Volodine em "Lettre à hèle-néant": "On avait l'impression que la belle vie allait surgir sur Terre, depuis les rives du Tage, après tant de fausses routes et tant d'échecs et de millions de morts."[20]

Depois de Abril de 1974, que percepções e representações literárias de Portugal se encontram em França através da literatura e que a Revolução dos Cravos terá alterado? E quais os modos ou o modo maior de aproximação à cultura portuguesa?

Parafraseando Olivier Frébourg, o que parece perpetuar-se é um Portugal de mitologia (Frébourg, 1998: 67) em que o lugar-comum, o estereótipo, é tão só rememorado e raramente reinvestido de novas concretizações. Em *O meu chapéu cinzento*, Olivier Rolin ardilosamente também a ele recorre:

> Ah, era inevitável que se chegasse aí. Pessoa. Grande lugar-comum a evitar, agora. Com, em primeiro lugar, o fado, em segundo as sardinhas e o bacalhau, em terceiro o terramoto de 1755, em quarto os azulejos, em quinto a saudade. Talvez também os eléctricos. (Rolin, 2001: 90)[21]

Para além do novo rosto quase sempre distraidamente entrevisto da Revolução dos Cravos – à exceção dos textos de Roux, Volodine ou Osmont –, a converter-se em mais um topos nas aproximações a Portugal, vale a pena destacar o crescente espaço ocupado pela melancolia, por vezes o *spleen*, quase sempre de Lisboa[22]. De resto, não há como referir, e parti-

---

20 Cf. http://www.editions-verdier.fr/banquet/n44/inedits1.htm.

21 Ou ainda em Rolin em *Bar des flots noirs* as referências a D. Sebastião (1987:117), ao V Império ou a Lisboa com Pessoa (*idem*:119).

22 Cf., por exemplo, "Le spleen de Lisbonne" (Rolin, 1987, 110) ou "Il y a à Lisbonne une constante mélancolie, la saudade, qui ne déprime pas, mais qui appartient au caractère portugais, d'un fatalisme enjoué ." (Alhau, 2007 :99)

cularmente nas últimas décadas, o lugar maior ocupado por Lisboa[23], tantas vezes visto como espaço de errância metafísica, de busca identitária ou aventura identitária (Carvalho:38), associado a processos de introspecção, um espaço marcado também por uma isotopia marítima. Como já em 1992 Pierre Rivas apontava, nos nossos dias Portugal parece resumir-se apenas a Lisboa, "[une] ville des Songes(…) image de notre condition de rêveurs éperdus, de notre situation existentielle, en marge, à la dérive, 'ailleurs'" (Rivas, 1992 : 162). E ainda: "on est passé de la médiation épico-historique du Portugal de Camões, au labyrinthe de la solitude de Pessoa, de la geste héroïque à l'intranquillité, de Coïmbre à Lisbonne, du manuélin au post-moderne, de l'affirmation impériale à la quête identitaire." (*Ibidem*)

Encerrado o Salão do Livro de Paris que teve lugar em 2000 e em que Portugal era o convidado de honra, Michel Cahen faz o seguinte balanço:

> Plus généralement, on peut se demander quelle image on a, en France, de ce pays de la «méditerranée atlantique», vingt-cinq ans après l'été chaud de 1975 qui vit déferler à Lisbonne des cohortes de militants et intellectuels français venus admirer le PREC, le «processus révolutionnaire en cours».
>
> Force est de constater que le puissant effet modernisateur de cette révolution a, chez nous, été complètement oublié. (…)
>
> Mais le Salon était précisément l'occasion de faire connaître la production intellectuelle foisonnante de ce pays ô combien modernisé par un quart de siècle de démocratie(…). Non, on a voulu continuer de donner du « Portugal pépère » l'image d'un pays, petit et si joli, de poètes et de nostalgiques ! (…) Cette attitude monomaniaque de n'imaginer le Portugal que par le biais de la littérature et de la poésie (à la limite, aussi de la nostalgie et du fado (…). (Cahen, 2000:761-762)

Transformadas em imagens virais, imagens cristalizadas, as perceções e representações do estrangeiro são igualmente resultado de auto-representações que tendem a perpetuar-se e que atingem também a Revolução de Abril. Sendo embora a Revolução dos Cravos um novo rosto português descoberto pela França, tal rosto parece desvanecer-se ou quase desaparecer nas brumas da memória.

---

23 A visibilidade de Lisboa na literatura francesa tem-se manifestado nas iniciativas que resultaram na publicação de *Lisbonne cité atlantique* ou o encontro de escritores realizado em Fevereiro de 2012 no quadro do projeto Litscape.pt e que resultou na publicação de *Lisboa nas Narrativas. Olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea.*

Referências

Alhau, Max (2007), *Retour à Lisbonne*, Montauban, Tertium Éditions, coll. Pays d'encre.

Almeida, José (2004), *Auteurs inavoués, belges inavouables. La fiction, l'autofiction et la fiction de la Belgique dans l'œuvre romanesque de Conrad Detrez, Eugène Savitzkaya et Jean-Claude Pirotte. Une triple mitoyenneté*, Porto, FLUP, tese de doutoramento.

Almeida, José (s.d.), "Conrad Detrez", Ulyssei@s, http://www.ilcml.com/?searchText=detrez&sortBy=nome&page=base_recorddetail&baseid=2&search=+Pesquisar+&year=2014&month=3&recordid=26 (consultado em 10.03.14).

Cahen, Michel (s.d.), *"Le Portugal et le mythe français du mythe portugais", Lusotopie 2000: 761-764.* www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/cahen.pdf, (consultado em 03.02.14).

Carvalho, Lucília (2002), «Ecos de Lisboa sob a democracia. Olivier Rolin, Antoine Volodine e Olivier Frébourg: Lisboa: um novo semblante», *Portugal e o Outro: uma relação assimétrica?*, Aveiro, Centro de Línguas e Culturas-Universidade de Aveiro, pp. 31-43.

Collard, Cyril (1990), *As noites selvagens*, trad. Maria Luísa Alves Lopes, Venda Nova, Bertrand.

Collard, Cyril (1989), *Les nuits fauves*,Paris, Flammarion.

Conant, Chloé (2006), "'Ni départ, ni bâteau': la Lisbonne sans issue d'Antoine Volodine", in Alain Montandon (org.), *Lisbonne : géocritique d'une ville*, Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise-Pascal, pp. 121-133.

Detrez, Conrad (1986), *La mélancolie du voyeur*, Paris, Denoël.

Frébourg, Olivier, (2006), "Dominique de Roux à Lisbonne", http://propos-insignifiants.forumactif.com/t238-dominique-de-roux-a-lisbonne-par-olivier-frebourg (consultado em 15.02.14).

Frébourg, Olivier (2008), *Souviens-toi de Lisbonne*, Paris, La Table Ronde.

Júdice, Nuno (1984), "La Diffusion de la Culture Française au Portugal au XIXe Siècle", *L'Enseignement et l'Expansion de la Littérature Française au Portugal*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, pp. 63-69.

"Littérature : Dominique de Roux, espèce en voie de disparition?"
http://nicolebertin.blogspot.pt/2009/06/litterature-dominique-de-roux-espece-en.html (consultado em 15.02.14).

"L'homme en question Gérard de Villiers", http://www.ina.fr/video/CPC76067057.

Lourenço, Eduardo (1983), "Portugal-França ou a comunicação assimétrica", *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France*, Paris, Fond. Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, pp. 13-27.

Martins, Otília Pires (2005), "Dialogue de cultures: représentations du Portugal en France. Anatomie d'un programme", *Portugal e o Outro : textos de hermenêutica intercultural, Aveiro*, Universidade de Aveiro, pp. 57-77.

Martins, Otília Pires (2004), "Les relations culturelles entre le Portugal et la France : l'hégémonie de la culture française", *Portugal e o Outro : imagens e viagens*, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 25-46.

Osmont, Stéphane (2013), *Éléments incontrôlés*, Paris, Grasset.

Outeirinho, Maria de Fátima (2010), "Albert T'Serstevens, Olivier Rolin e Max Alhau em Portugal. Aproximações a um país", *CEM. Cultura, Espaço e Memória*, nº 1, pp. 221-228.

Pageaux, Daniel-Henri (1984), *Imagens de Portugal na cultura Francesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. Biblioteca Breve.

Pageaux, Daniel-Henri (2003), *Trente Essais de Littérature Comparée ou la Corne d'Amalthée*, Paris, L'Harmattan.

Pageaux, Daniel-Henri (2005), "Péninsule ibérique et interculturalité", in Ana Clara Santos (org.), *Relações Literárias Franco-peninsulares*, Lisboa, Edições Colibri, UALG, pp. 13-26.

Pinson, Jean-Claude (2000), *Fado (avec flocons et fantômes)*, Seyssel, Champ Vallon.

Queiroz, Ana Isabel (2012), "Lisboa de Rolin, Loude e Le Tellier", in Ana Isabel Queiroz et al. (coord.), *Lisboa nas Narrativas. Olhares do exterior sobre a cidade antiga e contemporânea*, FCSH/NOVA, pp. 124-139, http://paisagensliterarias.ielt.org/config/paisagensliterarias/conteudo/ebooks/Lisboa_nas_narrativas.pdf (consultado em 10.05.14).

Rivas, Pierre (1992), "Le Portugal dans les Lettres Françaises: permanence et mutation", *Actes du colloque Images réciproques France-Portugal*, Paris, ADEPBA, pp.161-164.

Rolin, Olivier (1987), *Bar des flots noirs*, Paris, Seuil, coll. Points,

Rolin, Olivier (2001), *O meu chapéu cinzento. Pequenas geografias*, 2ª ed., Porto, Edições Asa.

Roux, Dominique de (2001), *O Quinto Império*, trad. Ana Nereu, Lisboa, Hugin Editores.

Ruffel, Lionel (2004), "Les fictions de Volodine face à l'histoire révolutionnaire", in Bruno Blanckeman et al. (dir.) *Le roman français au tournant du XXIe siècle*, pp. 163-172.

Santos, Graça dos, "Entre saudade poétique et préjugé social : l'image du Portugal en France", www.post-scriptum.org [Nº 1, 2002)], (consultado em 03.02.14).

Santurbano, Andreia (2008), "Lisboa, múltipla e una", *Portugal e o Outro: olhares, influências e mediação*, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 23-33.

Villiers, Gérard de (1975), *Les sorciers du Tage*, Paris, Plon, coll. "S.A.S.", nº 40.

Villiers, Gérard de (1978), *Os feiticeiros do Tejo*, Queluz, Literal, 1978.

Villiers, Gérard de (2008), *A Revolução dos Cravos de sangue*, Paredes, Saída de Emergência.

Volodine, Antoine "Lettre hèle-néant", http://www.editions-verdier.fr/banquet/n44/inedits1.htm (consultado em 03.02.14).

Volodine, Antoine, 1990, *Lisbonne dernière marge*, Paris, Éditions de Minuit.

Westphal, Bertrand (2006), "Pourquoi une géocritique de Lisbonne?", in Alain Montandon (org.), *Lisbonne : géocritique d'une ville*, Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise-Pascal, pp. 7-20.

[Submetido em 15 de julho de 2014 e aceite para publicação em 2 de setembro de 2014]